

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE I)
2 de janeiro de 2025

HELL'S HINGES / 1916

(*As Portas do Inferno*)

um filme de **William S. Hart**

Realização: William S. Hart, Charles Sickward, Thomas Ince / **Argumento:** C. Gardner Sullivan / **Fotografia:** Joseph August / **Interpretação:** William S. Hart (Blaze Tracey), Louise Glaum (Dolly), Jack Standing (Reverendo Robert Hanley), Clara Williams (Faith), Alfred Hollingsworth (Silk Miller), J. Frank Burke (Zeb Taylor), Robert Kortman (capataz), John Gilbert, Jean Hersholt.

Produção: Triangle Film Corporation / Cópia em 16 mm, da CINEMATECA PORTUGUESA, mudo, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português / **Duração:** 45 minutos / **Estreia Mundial:** 26 de fevereiro de 1916 / Não consta qualquer indicação da sua exibição comercial em Portugal.

Aviso: a presente cópia, versão lacunar do filme original, apresenta vários saltos e cortes tanto no enquadramento dos planos quanto nas caixas de texto dos intertítulos. Lamenta-se ainda um elevado grau de deterioração e de escurecimento da imagem que dificulta a inteligibilidade de algumas cenas.

Esta cópia foi exibida anteriormente na Cinemateca Portuguesa, no âmbito do ciclo *Western – Os Primitivos*, em 12 de dezembro de 1987, junto com **Under Western Skies** (1910), de Gilbert M. 'Broncho Billy' Anderson. A presente Folha de Sala de Manuel Cintra Ferreira, ainda que adaptada e revista, é perfeitamente atual quanto a uma apreciação a ser feita ao filme em questão e ao estado, ontem como hoje, desta cópia proveniente da coleção da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo.

Na ficha aqui publicada encontramos três nomes como responsáveis pela realização, apesar de apenas o de William S. Hart ser creditado. Assim ficou e assim tem sido geralmente aceite. Kevin Brownlow, no seu livro *The War, The West and The Wilderness*, refere, porém, que Hart foi afastado da realização do filme, sendo substituído pelo hoje desconhecido Sickward (segundo informação da *Moving Picture World* de 2 de Outubro de 1915, transcrita no referido livro). A participação de Ince ocorreu na sequência do incêndio, que outros historiadores atribuem a Reginald Barker. Dado que os trabalhos de Ince e Barker se confundiam (é hoje difícil destrinçar onde começa o trabalho efetivo do realizador e termina a influência e controlo do produtor, como vimos em **The Italian**, da mesma dupla Ince/Barker), optamos por seguir as indicações de Brownlow, que nos parecem as mais bem fundamentadas.

Talvez a questão da autoria não seja hoje muito relevante numa visão isolada de **Hell's Hinges** (o que poderia justificar-se caso se tratasse de um ciclo dedicado a William Hart

ou Thomas Ince). O que nos importa é a relevância que o filme tem como representação de um *western* típico da segunda metade dos anos 1910. Tanto este como **The Good Badman**, que veremos na segunda sessão, não bastam, por si só, para formar um juízo definitivo, mas são exemplos cruciais, entre poucos disponíveis, devido à quase total desaparecimento da produção deste género daquela época. Testemunhos contemporâneos consideram **Hell's Hinges**, que Hart realizou para a Triangle em 1916 (para onde entrara no ano anterior como ator/realizador), como um dos melhores deste período, ao lado de **Pinto Ben** (1915) e **The Aryan** (1916).

Hell's Hinges apresenta uma série de situações e figuras que se tornariam clichés com o passar dos tempos: o bandoleiro que se regenera e a cidade violenta onde se confrontam a barbárie dos tempos da conquista e a ideia de civilização (que, no filme, se confunde e mistura com a de religião, dada a necessidade comum de impor normas de comportamento). Esta atmosfera reaparece posteriormente em filmes como **Destry Rides Again**, de George Marshall, e **Dodge City**, de Michael Curtiz. Mas o reflexo mais curioso deste cliché do *western* está num plágio feito por ingleses na África do Sul nos finais dos anos 1940: **Diamond City** segue praticamente o mesmo conflito maniqueísta entre o bem e o mal. Aqui encontramos também a tradicional figura do pregador, que Jacques Tourneur retratará de forma sublime em **Stars in My Crown**, embora o de **Hell's Hinges** seja um fraco e pusilânime que provoca a tragédia final.

No meio da narrativa, Hart compõe uma figura dúbia que se redime pelos bonitos olhos da irmã do pregador. Ainda que hoje não encontremos aqui qualquer novidade, vale, pelo menos, pela composição de Hart: um rosto imutável e uma figura granítica cujo herdeiro ideal encontramos nos anos 1950 em Randolph Scott – duas figuras arquetípicas que balizam quase toda a história do *western*. Por outro lado, **Hell's Hinges** é um espetáculo visual de grande beleza, que ainda se pode apreciar apesar do mau estado da cópia que vamos ver: toda a parte final, com o ataque à igreja, o incêndio e o posterior duelo de Blaze com Silk Miller e a sua quadrilha, tem um poder dramático notável, utilizando primeiramente a montagem paralela e, em seguida, a imponência dos planos gerais, que conferem àquela massa móvel de pessoas um toque de verdadeira tragédia. Na sua juventude, o "cinema americano por excelência" já possuía a maturidade das grandes obras adultas.

Manuel Cintra Ferreira